



Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

Polyphony of the Protestant faith: Sacred Music as an educational element in Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

Marco Antonio Toledo Nascimento ^a

Priscila de Araujo Garcez ^b

Resumo

No campo da História da Educação, as pesquisas sobre mulheres protestantes que se destacaram a partir do trabalho que desenvolveram nas igrejas ainda são incipientes. Algumas delas, que atuaram nas mais variadas frentes, particularmente por meio da educação, ainda permanecem silenciadas e/ou invisibilizadas. Diante disso, abrimos as cortinas do palco para Henriqueta Rosa Fernandes Braga, musicista, musicóloga e professora congregacional, que teve uma trajetória expressiva na educação musical protestante. Na organização do hinário Salmos e Hinos, regência do coral, escrita de livros para a educação musical de adultos e crianças e tantas outras atribuições que exerceu dentro e fora da Igreja Evangélica Fluminense, Henriqueta legitimou-se como referência em Música Sacra no Brasil, especialmente por conta da pesquisa histórica exaustiva que empreendeu na escrita do livro Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuições à sua História), editado em 1961, pela Editora Kosmos. Diante do exposto, interpretar as concepções de Henriqueta sobre educação musical, na obra supramencionada, é o objetivo deste trabalho. A partir dos textos que publicou, ela desvelou a sua vinculação à música, em interlocução com outros sujeitos, o caráter educativo da hinologia aplicada nas Escolas Dominicais, o viés pedagógico da organização das músicas por temáticas, os valores puritanos de vigilância divina para a moderação dos corpos e das mentes, presentes nas letras dos hinos e o caráter formativo dos programas radiofônicos evangélicos.

^aUniversidade Federal do Ceará. Doutor em Educação, e-mail: marcotoledo@ufc.br

^bUniversidade do Estado do Rio de Janeiro, Doutoranda em Educação, e-mail: priscila27.rj@gmail.com

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

Palavras-chave: *Henriqueta Braga. Educação musical. Música Sacra. História das mulheres protestantes.*

Abstract

In the field of the History of Education, research on protestant women that stood out from the work they developed in the churches is still incipient. Some of them, which acted on the most varied fronts, particularly through education, still remain silenced and/or invisible. Given this, for Henriqueta Rosa Fernandes Braga, musician, musicologist and congregational teacher, who had an expressive trajectory in protestant musical education. In the organization of the hymnal Salmos e Hinos, choral conducting, writing of books. for the musical education of adults and children and so many other attributions that it practiced inside and out of the Igreja Evangélica Fluminense, Henriqueta legitimized herself as a reference in Sacred Music in Brazil, especially because of the exhaustive historical research she undertook in the writing of the book Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuições à sua História) edited in 1961 by Editora Kosmos. Given the above, interpreting Henriqueta's conceptions of musical education, in the abovementioned work, is the aim of this study. From the texts published, she unveiled her connection to the music, in interlocution with other subjects, the educational character of the hymnology applied to the Sunday School, the pedagogical bias of the organization of the songs by themes, the puritanical values of divine vigilance for the moderation of bodies and minds, present in the letters of hymns and the formative character of gospel radio programs.

Keywords: *Henriqueta Braga. Musical education. Sacred music. History of Protestant women.*

Resumen

En el campo de la Historia de la Educación, las investigaciones sobre mujeres protestantes que se destacaron a partir del trabajo que desarrollaran en las iglesias son aún incipientes. Algunas de ellas, que actuaron en los más variados frentes, particularmente a través de la educación, aún permanecen silenciadas y / o hechas invisibles. Con eso en mente, abrimos el telón del escenario para Henriqueta Rosa Fernandes Braga, música, musicóloga y maestra congregacional, quien tuvo una trayectoria expresiva en la educación musical protestante. En la organización del himnario Salmos e Hinos, la dirección del coro, la redacción de libros para la educación musical de adultos y niños y muchas otras funciones que realizó dentro y fuera de la Igreja Evangélica Fluminense, Henriqueta se legitimó como referente en Música Sagrada en Brasil, especialmente por la exhaustiva investigación histórica que realizó en la redacción del libro Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuições à sua História), publicado en 1961, por Editora Kosmos. En vista de lo anterior, interpretar las concepciones de Henriqueta sobre la educación musical, en la obra mencionado, es el

objetivo de este trabajo. A partir de los textos que publicó, ella desveló su vínculo con la música, en diálogo con otros sujetos, el carácter educativo de la himnología aplicada a las Escuelas Dominicales, el sesgo pedagógico de organizar la música por temas, los valores puritanos de la divina vigilancia por la moderación de los cuerpos y de las mentes, presentes en las letras de los himnos y el carácter formativo de los programas de radio evangélicos.

Palabras clave: *Henriqueta Braga. Educación musical. Música Sagrada. Historia de las mujeres protestantes.*

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. (PERROT, 2015, p. 16)

Notas iniciais

Essa poderia ser uma narrativa sobre aspectos da biografia de uma mulher comum, como tantas outras que foram contemporâneas à Henriqueta Rosa Fernandes Braga. Nesse sentido, iniciar esse texto discorrendo sobre o silenciamento das mulheres ao longo da História parece um tanto contraditório, uma vez que, Henriqueta Braga, integra uma das maiores referências em Música Sacra no Brasil, denotando que, por meio de sua voz, no sentido literal, escreveu uma história de atuação expressiva nas igrejas protestantes, a partir do binômio música e educação. Por sua vez, do ponto de vista simbólico, é possível assinalar que sua voz não teve ressonâncias nos campos da historiografia protestante, da História da Educação e da Música, vide a ausência de artigos, teses e dissertações a seu respeito¹.

Em suas contribuições teóricas, Margarida Ribeiro (2008, p. 16) considera que as pesquisas sobre as mulheres protestantes se concentram nos seus ícones femininos, porém, há indícios de que a participação delas é bem mais significativa do que a historiografia protestante deixou transparecer, pois algumas mulheres tiveram o seu protagonismo pouco tematizado na historiografia do protestantismo brasileiro, o que indica um processo de silenciamento. Nesse sentido, é necessária uma investigação histórica para, “a partir dos rastros, vislumbrar os rostos destas mulheres”.

¹ Cf. Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos da Capes, nos quais, ao digitarmos os descritores “Henriqueta Rosa Fernandes Braga” e “música sacra” não foram encontradas incidências.

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

Diante da ausência de pesquisas, as questões que se colocam são: de que forma Henriqueta desenvolveu uma pedagogia da música em âmbito eclesial? Quais foram as marcas que deixou na história da educação musical brasileira? Escrever sobre a história de Henriqueta pode nos ajudar a ampliar mais uma voz feminina invisibilizada na historiografia, nesse sentido, constituímos como foco investigativo a dimensão educativa da Música Sacra por ela pensada, a partir da sua obra intitulada *Música Sacra evangélica no Brasil (Contribuição à sua História)*, editada em 1961. Além do livro em destaque, *O Jornal Batista*, que contém entrevistas com a biografada, artigos sobre sua vida e trabalho no meio protestante e o livro *Escola Dominical – Histórico (1855-1932)*, publicado pela Igreja Evangélica Fluminense, igualmente servirão como fontes para a pesquisa.

Interpretar as concepções de Henriqueta sobre educação musical, nos textos que redigiu na obra intitulada *Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuição à sua História)* é o objetivo deste texto. Por meio de sua escrita, é possível conhecer algo mais sobre a sua formação, personalidade e, principalmente, a dimensão educativa de suas práticas como regente, musicista e musicóloga na Igreja Evangélica Fluminense na década de 1960. Para “vislumbrar o seu rosto”, ou melhor dizendo, as polifonias circunscritas à sua “voz”, a partir dos “rastros” em seus textos, será necessário um movimento metodológico que permita, no dizer de Ginzburg (2007, p. 57), “conjeturar o invisível a partir do visível, do rastro”, visto que até mesmo as ausências configuram-se na possibilidade de trabalhar com as margens e silêncios, pois as lacunas têm algo a nos dizer. Entre partituras e textos, os documentos escondem ou guardam pistas sobre Henriqueta não desveladas na historiografia, que poderão abrir as cortinas do palco de sua vida para uma sinfonia de sentidos. Convidamos o leitor a mergulhar nas notas que compõem a melodia dessa história. O que os rastros de Henriqueta nos permitirão ver/ouvir?

Ecos de uma vida dedicada à música

A quantos têm dedicado suas energias à Música Sacra no Brasil usando-a como expressão de fé e para a glória de Deus. (BRAGA, 1961, p. 10).

A citação em epígrafe integra a introdução do livro *Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuição à sua História)*, cujo trabalho de 478 páginas pretendeu ser “[...] uma contribuição à história da música no Brasil”. (BRAGA, 1961, p.15). Na obra de 1961, Henriqueta assinalou que não teve a pretensão de escrever a história da Música Sacra no Brasil, apenas buscou oferecer uma contribuição a essa história. Da mesma forma, não temos a intenção de escrever a história de Henriqueta, mas uma história da educação musical no Brasil a partir dela, pois entendemos a escrita biográfica na perspectiva do teórico francês Bourdieu (2006), que considera que a vida dos sujeitos não pode ser organizada em uma ordem cronológica, lógica, com um começo, uma origem ou um ponto de partida. O relato biográfico baseia-se na preocupação em dar sentidos, em tornar razoável, estabelecendo relações inteligíveis de causa e efeito, uma vez que o biografado seleciona certos acontecimentos *significativos* buscando dar coerência a eles.

No livro de Henriqueta, é possível observar em seus textos, a seleção de acontecimentos *significativos* a respeito da Música Sacra no Brasil, posto que a história que redigiu sobre a relação dos protestantes com a música denota o que Perrot (1988, p. 36) coloca sobre a escrita das mulheres como “um pouco da história de si mesmas”, pois “as mãos falam por elas”. O pensamento e práticas de uma mulher integrante da denominação congregacional² se relacionaram ao grupo maior no qual ela esteve inserida e pertencer ao protestantismo histórico a singulariza no sentido colocado por Elias (1987, p. 31), de que não existe um grau zero de vinculabilidade do indivíduo, pois ele existe, mesmo no nível mais fundamental, “na relação com o outro” e adquire

² O termo “denominação” será empregado segundo Azevedo (1996), como uma forma específica e histórica que uma igreja protestante assume conforme as suas tradições. As principais denominações integrantes do protestantismo histórico no Brasil são: batista, metodista, congregacional e presbiteriana.

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

suas marcas individuais a partir da história de toda essa rede humana a qual está vinculado.

“Na relação com os outros”, Henriqueta legitimou-se na música no meio protestante e secular³, tendo na família a sua primeira rede de vinculação aos outros seres humanos. Nascida em 12 de março de 1909, na cidade do Rio de Janeiro, era filha de José Luiz Fernandes Braga Junior e de Henriqueta Fernandes Braga, da família Cerqueira Leite. O avô paterno de Henriqueta Rosa, o português José Luiz Fernandes Braga é considerado o primeiro superintendente da Escola Dominical⁴ da Igreja Evangélica Fluminense, na qual atuou entre 1871 e 1887 nessa função. O pai de Henriqueta lhe sucedeu em 1898 até o ano de 1923, com atuação expressiva como redator da seção “A Escola Dominical pelo mundo”, vinculada ao jornal congregacional *O Cristão* (do qual foi um dos fundadores) e como presidente do Centro de Escolas Dominicais, afiliado à União de Escolas Dominicais do Brasil. Posteriormente, foi reconhecido como Superintendente Honorário dessa agência de ensino. (IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE, 1932). Exerceu a função de presbítero da Igreja Evangélica Fluminense, trabalhou ativamente na Associação Cristã de Moços⁵ e na administração do Hospital Evangélico. (ALMEIDA, 2014).

³ Para os protestantes, o vocábulo “secular” está relacionado ao “mundo”, é relativo “ao século”, ao que está fora dos limites do religioso. Já Boaventura de Souza Santos (2013) faz uma distinção entre secularismo e secularidade. O primeiro, diz respeito à restrição da religião ao espaço estritamente privado. Por seu turno, a secularidade até supõe a presença da religião no espaço público, desde que a liberdade dos cidadãos seja respeitada.

⁴ A Escola Dominical é “uma estrutura educacional caracterizada pelos ensinamentos bíblicos e pela doutrina de cada igreja protestante.” (BERTINATTI; NASCIMENTO, 2011, p. 4). Ademais, é uma agência de ensino voltada ao desenvolvimento intelectual, moral, espiritual e doutrinário de seus alunos. Para isso, possui uma estrutura pedagógica e administrativa pautada nas divisões em classes, com lições graduadas, direcionadas aos discentes conforme a faixa etária e/ou nível de desenvolvimento. (GARCEZ, 2017).

⁵ A Associação Cristã de Moços remonta ao ano de 1844, em Londres, na Inglaterra. No contexto de miséria provocado pela Revolução Industrial, um caixeiro de tapeçaria chamado George Williams iniciou um trabalho de assistência aos jovens mais necessitados de sua comunidade. A partir de 1851, as associações se espalharam para os Estados Unidos e Canadá e integraram diferentes grupos sociais, raciais e econômicos: estudantes, operários, indígenas, negros, militares e mercadores. No Brasil, após tentativas mal sucedidas de implantação de um projeto semelhante em território nacional, foi finalmente fundada em 1893, pelo missionário norte-americano Myron A. Clark, reunindo lideranças das duas principais igrejas do Rio de Janeiro. Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 3, n. 1, p. 74-102, Jan./Abr. 2021

A mãe de Henriqueta integrou o grupo de mulheres que organizaram o Departamento do Lar⁶ da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense, em 1915, na função de primeira secretária. (IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE, 1932). A avó paterna de Henriqueta, Christina Faulhaber (mais tarde Christina Fernandes Braga), foi aluna da missionária inglesa Sara Kalley (1825-1907)⁷ e de seu marido, o missionário escocês Robert Reid Kalley (1809-1888), na Escola Dominical que fundaram em Petrópolis, em 1855, posteriormente transferida para a Igreja Evangélica Fluminense, localizada no Centro do Rio de Janeiro. Desde pequena, Henriqueta Rosa Fernandes Braga participava dos cultos domésticos e dos momentos musicais em família, nos quais ouvia música clássica, hinos, corais e outras peças religiosas em gravações estrangeiras das peças de seu pai, ao som do piano, tocado pela sua mãe ou pelo pai. (ALMEIDA, 2014).

Na esfera religiosa, Henriqueta construiu diversas redes de vinculação humana. Foi batizada na Igreja Evangélica Fluminense, em 1925. Lecionou muitos anos na Escola Dominical, ocupou-se da função de organista de sua igreja, regeu o coral de 1932 a 1948, com o qual realizou concertos aclamados no meio protestante. Atuou em programas radiofônicos e gravou discos. (ALMEIDA, 2014). O trabalho desenvolvido com a música em âmbito eclesial foi reflexo da formação religiosa recebida na família e na própria igreja, reverberando nas práticas que desenvolveu para além dos muros do templo, o que demonstra que sua dedicação à música encontrou ecos nos diferentes espaços pelos quais transitou.

Da mesma forma, a universidade integrou mais uma rede inserida nos espaços formativos e de atuação pelos quais Henriqueta transitou. Estudou piano, composição

daquele período: a Fluminense e a Presbiteriana. Apesar da vinculação às duas igrejas, tal entidade não estava subordinada a nenhuma denominação e “se tornou uma espécie de entidade civil e religiosa propagadora de um ideal de ser humano moral e intelectualmente capacitado a viver no progresso de sua época.” (SANTOS, 2004, p. 191;192).

⁶ O Departamento do Lar era voltado aos enfermos e impossibilitados de frequentar as classes da Escola Dominical. Estes recebiam, semanalmente em casa, a visita dos professores. (ANDERS, 1949).

⁷ Sara foi a principal responsável pela organização do hinário *Salmos e Hinos*, tendo composto algumas músicas em colaboração com o seu esposo. A ela cabia a seleção de novas músicas e o trabalho de revisão, ele cuidava basicamente dos direitos autorais e a proibição de cópias clandestinas, muito comuns naquela época. A primeira hinódia em português é datada de 1855 e, posteriormente, passou por revisões e acréscimos de músicas que chegaram ao número de 200 hinos. (ALMEIDA, 2014).

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

e regência no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, onde obteve os títulos de professora, maestrina e doutora em música. Recebeu o primeiro diploma universitário de música conferido no Brasil. A partir de 1936, lecionou na instituição a qual se graduou, atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nas cadeiras de pedagogia musical, teoria musical, folclore nacional musical e história da música. Em 1958, tornou-se professora titular da instituição, em 1973, assumiu a chefia do departamento teórico e de matérias aplicadas. No Conservatório Brasileiro de Música e na Escola de Música Villa-Lobos igualmente galgou o cargo de professora titular. (ALMEIDA, 2014).

Sua carreira como docente estendeu-se de 1936 a 1978. Durante o magistério nessas instituições, aproveitava as aulas de história da música para incentivar os discentes à leitura da Bíblia. Como catedrática interina, lecionou folclore musical durante onze anos. Desenvolveu pesquisas de campo, participou de congressos, publicou em periódicos. Nesse período, escreveu *Peculiaridades rítmicas e melódicas do cancionário infantil brasileiro* (1951), o que para ela constituiu-se em uma experiência gratificante, pois em suas pesquisas de campo gostava de se misturar às crianças para registrar cantigas de roda, jogos cantados, histórias e reviver a sua própria infância. (ALMEIDA, 2014).

O breve panorama do itinerário de Henriqueta na família, igreja e instituições de ensino indica que a atuação que teve para além dos limites do doméstico, incluindo especialmente a sua inserção no espaço público religioso evidencia, no dizer de Perrot (1988, p. 167), “poderes”. No singular, a palavra poder é polissêmica, tem conotação política, se refere à figura masculina, à autoridade exercida em um determinado espaço; no plural, corresponde a esse trânsito que as mulheres têm no privado, no familiar e até mesmo no social que as distancia do papel de autoridade, ao mesmo tempo que facilita a coexistência de “espaços de representação desses poderes”.

O trânsito de Henriqueta nos espaços, particularmente o público religioso, sobretudo na educação musical, sugere uma interdependência com outras figuras

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 3, n. 1, p. 74-102, Jan./Abr. 2021

sociais de sua época que integraram o seu grupo de maior pertencimento (ELIAS, 1987), nesse caso, o protestante, dado que a sua relação com a música vem de “berço”, do mesmo modo que a música é diletta ao protestantismo desde o movimento da Reforma empreendida por Martinho Lutero, no século XVI. A respeito da estreita relação dos protestantes com a música, Henriqueta assim discorreu:

O Coral criado por Lutero caracterizava-se pelo uso da língua vulgar, ao invés do Latim obrigatório nos ofícios religiosos católico-romanos; pelo emprego de valores longos e lentamente escandidos decorrentes da execução congregacional, geralmente por centenas de fiéis, pelo seccionamento fraseológico, verso por verso, formando cadência; pelo acompanhamento ao órgão; e, já no seu período de consolidação, por apresentar a melodia no soprano em lugar de situá-la no tenor, como fôra uso até então, e pela execução silábica e articulação simultânea de todas as vozes, a fim de permitir uma nítida compreensão do texto cantado.

De Lutero a Sebastião Bach, passando por Walther, Eccard, Calvisius, Gesius, Hassler, Vulpus, Praetorius, Schutz, Schein, Scheidt, Cruger, Albert, Buxtehude, Ebeling e muitos outros, criaram-se mais de cinco mil corais que vieram a constituir o alicerce da monumental obra do insigne músico de Límia. [...] Sob a influência da música instrumental italiana estruturou-se a Cantata Alemã, que se tornou no século XVIII, nas mãos de J.S. Bach, lídima expressão da música litúrgica protestante. (BRAGA, 1961, p. 22;23)

A capacidade intelectual de Henriqueta não se relacionou somente à música em si mesma. No trecho acima, bem como em todas as 478 páginas da sua obra, é possível observar, além do conhecimento técnico sobre música, o rigor que teve com a pesquisa histórica, a boa cultura geral, a preocupação com os detalhes, com as minúcias e o cuidado com o levantamento de dados relevantes sobre fatos e figuras da Música Sacra estrangeira e brasileira, daí também o seu reconhecimento como uma das maiores musicólogas do Brasil. A pesquisa exaustiva que realizou indica que, em sua vida, igualmente não faltou fôlego para empreender o trabalho com a música dentro e fora da igreja.

Pelos escritos de Henriqueta, podemos supor que as audições dos corais, as cantatas, o canto congregacional e os hinos integrassem as suas preferências musicais, uma vez que eram utilizados não somente para a exaltação de uma divindade cristã, mas também estavam inscritos na identidade litúrgica protestante:

Realizam-se frequentemente, nas igrejas evangélicas, cultos musicais em que, com a participação da congregação e do côro e estreitamente relacionados com o assunto bíblico versado – Natal, Paixão e Morte de Cristo, sua Ressurreição, Ascensão, Pentecostes – se executam trechos de circunstância. Outras vezes, quando habilitados, realizam os coros eclesiásticos, em horário especial, concertos espirituais e audições sacras em que são apresentadas peças de maior envergadura – Salmos, Antífonas,

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

Cantatas, Oratórios, Paixões. Também se promovem, de quando em quando, concertos de órgão.

No Rio, por exemplo, no período compreendido entre 1932 e 1948, o Grupo Coral da Igreja Evangélica Fluminense primou em execuções dessa natureza, tendo sido o primeiro cântico evangélico da cidade a realizar audições sacro-musicais de circunstância (Natal e Páscoa). Através delas divulgou obras de J.S. Bach e Haendel, os célebres Salmos de Goudimele e outros monumentos da música sacra protestante. Seus concertos espirituais, realizados aos domingos à tarde, sempre intercalados com leituras de trechos bíblicos, atraíram à Igreja Evangélica Fluminense figuras representativas do meio musical carioca. Esta prática está hoje generalizada. (BRAGA, 1961, p. 304;305).

A “prática generalizada” apontada por Henriqueta, presente nas igrejas protestantes da época, sugere que a Música Sacra alcançou diferentes sujeitos, dada a mediação que ela pode proporcionar entre o social e o individual. A música é fluida, ela penetra nos lugares físicos e subjetivos, transita entre o sagrado e o profano, o religioso e o secular, o erudito e o popular. Assim, na biografia de Henriqueta, a música é outra personagem que ganha vida e nos ajuda a pensar na perspectiva de Candido apud Rezzutti (2014), ao considerar que é necessário ter cuidado com as simplificações quando uma história de vida é estudada, pois incorremos no risco de reduzir a situação histórica a acessória, de traçar um nexos causal, de colocar o biografado como ator central, preterindo o processo todo, outros personagens e acontecimentos.

Outros personagens e acontecimentos fizeram parte do livro e da vida de Henriqueta, dando sentido ao trânsito que ela teve, por meio da música, especialmente no meio protestante, integrando inúmeros sujeitos de distintos arcabouços doutrinários. Conforme Vicentini (2007), a música no protestantismo procurou evidenciar mais os elementos que singularizavam as diferentes denominações do que os que as diferenciavam. Nas igrejas integrantes do protestantismo histórico, o repertório musical é basicamente um só, oriundo, particularmente, da herança europeia do século XVI e da norte-americana da era missionária, ocorrida em meados do século XIX, ambas em diálogo intenso com a tradição reformada.

Na esteira do século XX, Henriqueta conquistou notabilidade, não somente no âmbito congregacional, mas no protestantismo de modo geral. O trânsito da música entre as denominações refletiu nos deslocamentos que Henriqueta empreendeu e a singularizaram como figura respeitada em âmbito eclesial. No meio batista, por exemplo, apesar de utilizarem um hinário diferente dos demais protestantes, intitulado *O Cantor Cristão*, os hinos integrantes dessa coletânea foram aproveitados da edição de *Salmos e Hinos*, organizada por Henriqueta Braga, em 1948, cuja contribuição é considerada uma das mais emblemáticas que deu à Música Sacra no Brasil. (VICENTINI, 2007). Em *Salmos e Hinos*, a música 168, intitulada “Senhor eu preciso de ti” destacou Henriqueta como compositora; além disso, na qualidade de periodista, escreveu artigos para as revistas *Unitas*, *Ultimato*, *Cultura Cristã* e *Conservatório Brasileiro de Música*. Como escritora, cooperou em 1970, com os verbetes sobre assuntos musicais para a *Enciclopédia Delta-Larousse* e para a *Enciclopédia Internacional Mirador*, em 1975. (ALMEIDA, 2014).

“Magistra Dixit”: a pedagogia dos hinos aplicada nas igrejas

Na perspectiva da História Cultural de Peter Burke (2005, p.8), compreendemos a religião como um componente da cultura que mantém diálogo com diferentes elementos da sociedade, entre eles, a educação. Tal entendimento amplia as possibilidades de interpretações e desloca a atenção para as práticas pedagógicas com a música que Henriqueta produziu no passado, que “outros historiadores não conseguiram alcançar”. Sendo assim, muitas interpretações podem ser conferidas ao trabalho que Henriqueta desenvolveu na igreja com a educação musical.

Devemos ressaltar, primeiramente, que paralelamente ao ensino oficial de música encontrado nos conservatórios, nas escolas de música e nas universidades, uma “pedagogia musical própria acontece nos meios populares, apoiada em mecanismos tutoriais e de convivência, em processos de imersão e treino”. (SIMÃO; REQUIÃO, 2017, p. 130). Especificamente no contexto brasileiro, Lühning (2019, p. 95) afirma que a “diversidade cultural brasileira manifesta-se muito mais em contextos do cotidiano, mas não em contextos educacionais como escolas”. Assim, as bandas

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

de música civis, as rodas de choro, samba e pagode e as igrejas fazem parte desses círculos sociais que possibilitam uma formação musical.

A saudosa professora e etnomusicóloga Elizabeth Travassos já evidenciava no final do século XX o relevante papel das igrejas protestantes na formação musical de grande parte dos acadêmicos dos cursos de graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. (TRAVASSOS, 1999). Não obstante, verificamos através de estudos recentes, que as igrejas continuam a atuar como escolas de música em diversas regiões do país, seja na Assembléia de Deus (SOUZA, 2015), na Congregação Cristã (BRITO, 2016) ou na igreja Luterana (WEINGARTNER, 2018).

De acordo com Lorenzetti (2019), a igreja é um local onde se aprende música das mais diferentes formas e níveis. Os fatores que interferem nessa aprendizagem (ou não) podem depender da própria pessoa ou ao quanto a igreja garante de acesso ao canto em suas distintas celebrações materiais. Entretanto, consideramos que um dos importantes fatores para a aprendizagem musical nas igrejas é aquele que se refere à qualidade didática do mediador do processo de aprendizagem do conhecimento musical, seja este o(a) professor(a), o(a) regente, ou mesmo aquele músico ou musicista mais experiente, que acaba exercendo o papel de liderança do grupo ou atividade musical dentro da igreja. No entanto, para se obter resultados educacionais expressivos neste processo, este mediador deve ser considerado um expert na música (GARCIA; DUBÉ, 2014), expertise esta adquirida, principalmente, por uma sólida formação musical (HALLAN, 2001). Nesse sentido, tais considerações justificam, em parte, a trajetória formativo-musical de Henriqueta Braga.

Por ocasião de sua morte, em 21/06/1983, *O Jornal Batista* publicou a seguinte homenagem póstuma:

Henriqueta Rosa, musicista polivalente (professora, conferencista, periodista, historiadora, musicóloga, hinóloga, compositora, regente), muito recebeu dos mestres e muito deu à causa da Música. Sua vida e sua obra delinearam uma figura ímpar no cenário musical do Rio de Janeiro que se projetou muito além do espaço e no tempo do

Brasil. Para o meio evangélico nacional, Henriqueta Rosa foi única como musicóloga e pedagoga. Foi uma das pessoas mais bem dotadas de nossa comunidade. Aluna de Antônio Silva (órgão), João Otaviano (composição, instrumentação e orquestração) e Francisco Mignone (regência), aplicou seus sólidos conhecimentos no preparo de cantores, coros e instrumentistas evangélicos. (O JORNAL BATISTA, 21/07/1983, p. 2)

A reportagem intitulada “Adeus à mestra” destacou de forma laudatória a trajetória de Henriqueta na Música Sacra, enunciando que as práticas utilizadas para o preparo de cantores, coros e instrumentistas evangélicos estiveram relacionadas à sua formação, bem como a sua formação permite apreender as práticas pedagógicas que desenvolveu em âmbito eclesial, onde aplicou seus “sólidos conhecimentos”. Os nomes citados legitimam a qualidade do trabalho que ela desenvolveu, pois os mesmos eram personalidades da música no Brasil. Vale ressaltar, que o Instituto Nacional de Música, hoje Escola Nacional de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi a principal instituição de ensino superior de música no Brasil em sua época.

O contato com esses ilustres músicos e compositores decerto repercutiu positivamente na sua formação musical e na conseqüente atuação pedagógica e mesmo acadêmica de Henriqueta. Antônio Silva (1908-1960) foi o primeiro professor catedrático de órgão do Instituto Nacional de Música. Instrumentista excepcional, realizou recitais no Brasil e no exterior. Devemos citar, com certa objetividade, as suas atuações como compositor e acadêmico, pois além de criar diversas obras para órgão, piano, violino, canto e grupos de câmara e orquestra, defendeu duas teses, sendo uma delas na área de composição, intitulada *Ser compositor é indispensável ao organista* (1941).

João Octaviano Gonçalves (1892-1962), também teve seu mérito de professor, pianista e compositor reconhecido pela crítica musical, sendo considerado, por diversas vezes, umas das maiores promessas de sua geração ao lado de Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e Glauco Velasquez (1884-1914). (AMORIM, 2020, p. 121).

Francisco Mignone (1887-1986), talvez o mais conhecido entre os três, foi “uma das figuras mais representativas do nacionalismo musical brasileiro”⁸. Quando se tornou professor de regência, no então Instituto Nacional de Música, em 1934, Mignone já havia se tornado um compositor de reconhecimento internacional com

⁸ Instituto Música Brasil <https://musicabrasilis.org.br/compositores/francisco-mignone>

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

suas obras sendo executadas por prestigiadas orquestras como a Filarmônica de Viena.

Em seu livro, é possível observar o destaque que Henriqueta conferiu à música como estratégia formativa, desde os primórdios do trabalho protestante no Brasil, ademais, discorreu especificamente sobre o trabalho desenvolvido pelos congregacionais no Rio de Janeiro, abrindo o capítulo VIII com registros sobre a história do hino protestante no Brasil, a partir da utilização inicial da música nas Escolas Dominicais pelo casal Kalley em 1855, na classe que funcionava na cidade de Petrópolis/RJ:

[...] Nos cento e cinco anos decorridos desde êsse memorável domingo até a presente data (1960), jamais deixaram os hinos sacros de desempenhar papel de relevância nas numerosas e sempre crescentes Escolas Dominicais que, desde então e pela graça de Deus, se vêm organizando por todo o Brasil.

[...] Os primeiros hinos evangélicos cantados no Brasil, em língua portuguesa, foram provavelmente aquêles entoados nessa incipiente Escola Dominical.

[...] Em 1856, a Escola Dominical passou a funcionar em português, inglês e alemão. Nas reuniões em inglês eram usados hinos ingleses e americanos e, naquelas em alemão, alguns dos belos corais luteranos. (BRAGA, 1961, p. 108; 109; 110).

“A utilização do hinário foi uma tática pedagógica para o ensino da doutrina e o estímulo ao saber, de modo geral.” (BURITI; BARROS, 2016, p. 21). Henriqueta Braga não foi contemporânea do casal de missionários que introduziu a música nas aulas dominicais, Robert e Sarah Kalley, porém, décadas depois, o “hinário como tática pedagógica” ainda se fazia presente nas Escolas Dominicais das igrejas protestantes, pois assinalou em seu livro, escrito na década de 1960, que desde o casal Kalley “jamais deixaram os hinos sacros de desempenhar papel de relevância nas numerosas e sempre crescentes Escolas Dominicais [...]”.

Acerca dos protestantes kalleyanos, Buriti e Barros (2016) consideram que não existem textos neutros em suas músicas, pois as mesmas estão repletas de “vozes”. Segundo os autores, por meio desses hinos, é possível ouvir as vozes que deles

emergem nos cultos e nas salas de aulas das Escolas Dominicais e paroquiais⁹, desvelando uma identidade protestante a partir dos usos que foram feitos deles. Sarah Kalley, já residindo no Rio de Janeiro, lecionou na Escola Dominical e preparou um material para aperfeiçoar a execução dos cânticos, inicialmente intitulado *Música Sacra* (1855). Posteriormente, ela aperfeiçoou o seu primeiro trabalho com a publicação do hinário *Salmos e Hinos* (1868), utilizado na classe de música que funcionava às quartas-feiras, antes do culto vespertino e era frequentada por trinta e três alunos. (BRAGA, 1961).

Em 1948, Henriqueta aprimorou o hinário *Salmos e Hinos*, produzido inicialmente por Sarah Kalley, e assim como sua precursora, não abriu mão da organização das músicas por temáticas¹⁰ para fins didáticos, preservando a tradição do casal Kalley em fazer uso da hinologia para educar o corpo, a mente e o espírito. A visão civilizadora protestante¹¹ deu forma aos hinos que integram o material, uma vez que, pelo tom dos escritos de Henriqueta sobre o hinário que organizou, é possível perceber que ela vislumbrou o potencial do povo brasileiro, caso recebesse uma instrução adequada através da música, de origem anglo-saxônica, que no dizer de Elias (2011, p. 23), relaciona-se a “tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas mais primitivas.”

A Música Sacra aplicada por Henriqueta advinha, especialmente, da tradição luterana alemã, o que demonstra forte marca da cultura anglo-saxônica em suas práticas. Os elementos civilizadores presentes na Música Sacra, não estiveram

⁹ O modelo de escola paroquial era agregado a uma igreja, que tinha a tarefa de inserção do protestantismo através da leitura da Bíblia e da participação nos ofícios religiosos, atendendo a demandas das situações locais e particulares. (SANTOS, 2007).

¹⁰ Atualmente, o hinário *Salmos e Hinos* conta com 652 hinos, com as seguintes temáticas concernentes ao mundo cristão: Salmos; Trindade; Deus; Jesus Cristo; Espírito Santo; Culto público; Evangelho e salvação; Vida cristã; Oração e súplica; Igreja; Vida futura; Crianças e Assuntos especiais. (ROCHA, 2003).

¹¹ Os imperativos que moveram os protestantes para o trabalho educacional estiveram relacionados ao desejo de expansão da fé cristã, inserindo-a na cultura, política e demais elementos da sociedade. Para Mendonça (1984), o mais eficiente condutor da ideologia do Destino Manifesto foi o protestantismo norte-americano com sua vasta empresa educacional e religiosa, que preparou e abriu caminhos para o seu expansionismo político e econômico. Imperava a ideia de que religião e civilização estavam unidas, na visão da América Cristã e que Deus sempre agiu através dos povos escolhidos, neste caso, os de origem anglo-saxônica, considerados a mais alta expressão da civilização. O destino do mundo estava nas mãos dos povos de língua inglesa, para despojar as raças fracas, assimilar e moldar outras.

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

relacionados somente à origem territorial anglo-saxônica dos hinos que organizou para o trabalho nas Escolas Dominicais e escolas paroquiais (particularmente oriundos da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos), mas igualmente concerniam a uma pedagogia dos hinos que tinha como objetivo: “[...] formar cidadãos individualizados, civilizados, treinados em seus sentidos, em seus corpos, e colocados à disposição da cidade, do Estado, da pátria [...]” (BURITI; BARROS, 2016, p. 35).

Ao utilizar a Música Sacra como elemento educativo, Henriqueta considerava que os hinos organizados por temáticas para a aplicação nas Escolas Dominicais se faziam adequados, especialmente por meio do canto congregacional que se expressava pela execução coletiva:

Nas Escolas Dominicais, quando em cada Departamento se reúnem as classes para a abertura e o encerramento dos trabalhos, tem o canto congregacional larga aplicação. Por outro lado, o enriquecimento do repertório se faz, em algumas Escolas Dominicais pelo processo do hino básico, que consiste em manter nos programas determinado hino pelo espaço de tempo necessário à sua aprendizagem, variando-se os demais números de execução coletiva. Cada lição dominicalmente estudada inclui um texto bíblico, denominado texto áureo, que deve ser decorado por todos os alunos, acompanhado da respectiva citação bíblica. Em certas Escolas Dominicais, quando músicos tomam parte no trabalho, este texto áureo é musicado, visando a facilitar a sua memorização. (BRAGA, 1961, p. 299).

O texto áureo, apontado por Henriqueta, “[...] servia para incutir coesão de sentidos às lições, apresentava-se como uma estratégia discursiva consciente e recorrente, utilizada de forma sistemática para dar visibilidade às interpretações bíblicas consideradas oportunas.” (GARCEZ, 2017, p. 117). Nas décadas de 1940 e 1950, por exemplo, a professora metodista Judith Tranjan, fez uso da música nas classes dos Intermediários¹² da Escola Dominical para facilitar a memorização do

¹²Conforme Anders (1949), os Departamentos da Escola Dominical deveriam ser divididos levando-se em consideração os estudos da Psicologia, compreendendo uma organização conveniente a cada fase do desenvolvimento humano que englobava: Departamento do Berço – até os 3 anos (Infância); Jardim da Infância – 4 e 5 anos completos (Infância); Departamento Primário – 6 a 8 anos completos (Meninice); Departamento Intermediário – 9 a 11 anos completos (última Meninice); Departamento Secundário – 12 a 15 anos completos (Adolescência); Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 3, n. 1, p. 74-102, Jan./Abr. 2021

texto áureo por parte de seus alunos e também para evitar que as crianças adentrassem o templo e perturbassem o culto no qual os adultos se reuniam. Em sua representação clássica da professora ideal, ao som do piano, Judith Tranjan trabalhava os textos áureos das lições incentivando a participação e a obediência das crianças nas aulas dominicais. Nessa perspectiva, a música também serviu à Escola Dominical como recurso didático para o ensinamento das lições e controle da disciplina, e os textos áureos, quando musicalizados, alcançavam também as crianças não alfabetizadas através da oralidade. (GARCEZ, 2017).

A ligação direta da música com o trabalho educativo nas igrejas, particularmente nas Escolas Dominicais, indica que os protestantes tinham um olhar direcionado para um modelo pedagógico de formação cujo intento era o de instruir o aluno por meio do ensino da Bíblia e civilizá-lo através do controle do corpo e da mente. Sobre a utilização dos hinos nas aulas dominicais, Buriti e Barros (2016) enfatizam que os mesmos ajudaram na construção de saberes identitários na Escola Dominical. No que concerne ao hino *Nesta sala em que estudamos, vê-nos Jesus!* (N.188), um dos citados por Henriqueta em seu livro, por exemplo, os autores consideram que, a partir do seu título e letra, é possível observar como as identidades são elaboradas por meio da música:

Estrofe 1- Nesta sala em que estudamos, vê-nos Jesus! Tudo que aqui façamos, sim, vê Jesus! Quando formos preguiçosos, inquietos, descuidosos, rabugentos, mentirosos, sim, vê Jesus!

Estrofe 2- Mesmo longe dos parentes, vê-nos Jesus! Dos queridos pais ausentes, sim, vê Jesus! Nossos pais observando, quando pela rua andando, uns com outros conversando, sim, vê Jesus!

Estrofe 3- Quando para o mal tentados, vê-nos Jesus! Se cairmos em pecados, sim, vê Jesus! Ele nunca está distante, mas, com afeição constante, nos contempla vigilante; sim, vê Jesus!

Estrofe 4- Sempre com amor olhando, vê-nos Jesus! Nossos rogos escutando, sim, vê Jesus! Ao bom salvador busquemos, seu auxílio supliquemos e felizes cantaremos: Vê-nos, Jesus! (ROCHA, 2003, hino 633).

Na letra da música em destaque, a onipresença de Jesus apresenta-se como uma presença policiadora, ao mesmo tempo, protetora, bondosa e auxiliadora. (BURITI; BARROS, 2016). Em sua obra, Henriqueta recomendou esse hino como

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

modelo para utilização no momento devocional¹³ da Escola Dominical, instigando um manejo das mentes dos alunos para que se concentrassem antes das lições. Além deste, outros hinos foram indicados, organizados e sugeridos por Henriqueta para a utilização em diferentes momentos de estudos nas aulas dominicais. Dessa maneira, a Escola Dominical daquele período teve o sentido colocado por Buriti e Barros (2016, p.38), de ser “[...] um espaço onde claramente se percebe a relação entre textualidade e a oralidade” por meio da música.

No livro que escreveu, Henriqueta deixou transparecer em seus textos elementos do puritanismo ao preconizar a disciplina nas aulas dominicais e sinalizar a eterna vigilância divina sobre as atitudes dos alunos, vide a letra do hino supramencionado. Assim como nas aulas da Escola Dominical, ela também considerava que a ordem e a reverência deveriam integrar a liturgia dos cultos por meio da música, uma vez que os ritmos populares eram “[...] impróprios à Casa de Deus, onde deve haver reverência e não profanação. O ritmo popular leva a gingar o corpo; e, quando isso acontece, não há edificação espiritual.” (*O JORNAL BATISTA*, 10/05/1981). A última frase foi proferida por Henriqueta, durante a entrevista intitulada “*Magistra Dixit*”, parte III, concedida ao *O Jornal Batista*, em seu confortável apartamento, localizado no bairro da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro. Quando indagada sobre as cantatas e oratórios que utilizavam ritmos populares nas igrejas, respondeu enfaticamente sobre suas concepções a respeito da postura corporal mais “adequada” para cultuar a Deus através da música.

Ao nos aproximarmos dessa última fala de Henriqueta, é possível notar o tanto de sua vinculação às ideias presentes no puritanismo. De acordo com Amstel, Quitzau e Silva (2021), os anos entre 1732 e 1790 foram marcados pelo povoamento das

¹³ O momento devocional deveria acontecer previamente ao ensinamento da lição, de preferência, nos Cultos Departamentais, antes da aula da Escola Dominical. Esse momento deveria ser utilizado de forma suave, a fim de contribuir com a “paz de espírito dos alunos”. (ANDERS, 1949, p. 151).

colônias inglesas da América do Norte, particularmente por puritanos que fugiram das perseguições religiosas na Europa. Esses grupos defendiam valores e tradições que determinavam a forma de vida na sociedade colonial no Novo Mundo, especialmente no que se refere ao corpo: trabalho árduo, moderação dos impulsos corporais e rejeição aos prazeres mundanos. Além disso, conforme Tocqueville apud Cordeiro (2008), o puritanismo era uma doutrina política quase tanto quanto uma doutrina religiosa que, confundia-se, em vários aspectos, com as teorias democráticas e republicanas. Por causa dessa tendência, os puritanos que se estabeleceram na América do Norte se organizaram em sociedades, estabelecendo leis igualitárias.

A influência do puritanismo esteve presente nas ideias de Henriqueta Braga, tendo em vista a tríade música, adoração e santificação. A educação do corpo por meio dessa tríade, utilizada nas Escolas Dominicais e nos cultos, em interlocução com os valores puritanos, incutiu à música a função de possibilitar uma conexão entre os fiéis e Deus de forma reverente, longe dos “apelos mundanos da carne”, a partir, especialmente, da música erudita dos compositores Johann Sebastian Bach e George Friedrich Haendel¹⁴, alguns dos preferidos de Henriqueta. Na segunda parte da entrevista intitulada “*Magistra Dixit*”, ela não escondeu sua satisfação ao colocar que:

[...] Como regente coral, a maior alegria que tive foi no momento em que percebi que o coro que dirigia – o da Igreja Evangélica Fluminense – havia se identificado tão bem com o estilo sacro, que vibrava com as peças que lhes eram apresentadas para estudo, e os coristas por si mesmos refugavam as de menor valia – harmonizações fracas, vazias, sem conteúdo que ressaltasse e enriquecesse as belas letras evangélicas que possuímos. Todos os coristas, sem exceção, aprenderam a amar a música de Bach e de Haendel, apreciando-a em seu justo valor, bem como a de outros autores de peças de elevado quilate. (*O JORNAL BATISTA*, 03/05/1981).

Para Henriqueta, as cantatas de Bach deveriam estar entrosadas com o sermão e ser utilizadas em língua vernácula. (*O JORNAL BATISTA*, 10/05/1981). Essa pedagogia dos hinos, empregada desde a Reforma do século XVI, demarca uma das facetas subjacentes ao protestantismo em sua relação com a educação, da qual a

¹⁴J. S. Bach (1669-1753) é considerado o maior compositor alemão de seu tempo e grande parte de sua obra foi destinada à igreja protestante, com ênfase aos seus corais. (BACH, 2017). G. F. Haendel (1685-1759), compositor alemão naturalizado britânico, apesar de compor diversas obras profanas, teve uma “ascensão espiritual progressiva” (HAENDEL, 2017, p. 621). Ambos podem ser considerados compositores representativos da música protestante, vinculada ao luteranismo alemão.

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

música articula a narrativa bíblica ao objetivo do culto, denotando intencionalidades na escolha do repertório musical que iria fazer parte da liturgia.

Diante do trabalho que realizou com a música na Escola Dominical, Henriqueta foi convidada a proferir uma palestra na Primeira Convenção Regional Interdenominacional de Educação, realizada na cidade do Rio de Janeiro, Distrito Federal na época, por ocasião do centenário das Escolas Dominicais no Brasil (1855-1955). “A música como fator educativo” integrou o tema de estudo por ela escolhido e foi dividido em duas partes: o poder da música e o seu valor educativo e a música como fator de educação religiosa. No primeiro momento, Henriqueta teceu uma breve recordação sobre a história da Escola Dominical no Brasil, a partir do trabalho desenvolvido pelo casal Kalley com a música, tendo por base a organização do primeiro hinário protestante. Em seguida, discorreu sobre a música como fator de educação religiosa entre os hebreus e os cristãos nos tempos apostólicos, passando pelo tempo dos Reformadores aos grandes Revivalistas, finalizando no momento em curso quando da data do evento (década de 1950). De forma pragmática, propôs a elaboração de coletâneas adequadas ao uso das Escolas Dominicais. (BRAGA, 1961).

A palestra que Henriqueta Braga proferiu apresentou formas intencionais de aplicação da Música Sacra nas igrejas. Outra forma de aplicação intencional da Música Sacra foram os programas radiofônicos, que caíram no gosto dos protestantes, das mais distintas denominações. No último capítulo de sua obra, intitulado “Programas radiofônicos evangélicos”, Henriqueta empreendeu uma pesquisa histórica exaustiva sobre a utilização do rádio como veículo de comunicação para irradiar “as boas novas de salvação”.

Após elencar alguns programas radiofônicos vinculados às distintas denominações, o programa “Escola Bíblica do Ar” recebeu maior destaque por parte de Henriqueta em seu livro, demonstrando a admiração que tinha pelo alcance do trabalho educativo realizado pelos batistas. Ela fez referência aos três cursos mantidos pelo programa: “Regular”, “Luz da Vida” e “Atos dos Apóstolos”, que alcançaram

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 3, n. 1, p. 74-102, Jan./Abr. 2021

um total de vinte e um mil, trezentos e dezesseis alunos matriculados, incluindo alguns países latinoamericanos como Argentina, Bolívia e Paraguai. O objetivo desse programa radiofônico era possibilitar um momento de culto na residência dos ouvintes, para isso, foi publicado o *Hinário da Escola Bíblica do Ar*, a fim de viabilizar a participação no cântico dos hinos programados, além de um boletim intitulado *A Voz da Escola Bíblica do Ar*, que “circulou periodicamente divulgando os horários das programações, mensagens irradiadas, notícias da Escola, respostas a perguntas dirigidas ao programa, e outros assuntos de interesse.” (BRAGA, 1961, p. 393).

A participação dos protestantes em programas radiofônicos se inseriu no cenário que despontou a partir da década de 1930, quando, conforme Costa (2012), iniciou-se um intenso debate sobre os parâmetros educacionais a serem adotados pelas emissoras de rádio que empreenderam esforços no sentido de assegurar a radiofonia voltada à educação e cultura. Os protestantes, de diferentes denominações, lançaram mão dos programas radiofônicos para um alcance maior de suas doutrinas. Nesses programas regulares, nos quais “a Música Sacra presta valioso concurso” (BRAGA, 1961, p. 397), Henriqueta destacou o caráter utilitarista dos hinos, herança de Sarah Kalley, que buscava suprir a necessidade de uma doxologia específica, segundo uma visão na qual o hino era um sermão cantado, denotando uma preocupação pedagógica com os cânticos enquanto recursos didáticos para a assimilação de uma nova fé. (CARDOSO, 2005).

Henriqueta Rosa Fernandes Braga deu continuidade aos caminhos abertos por Sarah Kalley, ao aperfeiçoar posteriormente o hinário *Salmos e Hinos*, em 1948. Treze anos depois, após adquirir experiência e conhecimentos na igreja e nas universidades onde lecionou, deixou transparecer suas concepções sobre a educação musical para doutrinar os protestantes e conquistar novos fiéis no livro *Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuições à sua História)*. Essa obra, ainda que contenha um teor sobremaneira histórico e apologético, descortina alguns elementos educativos presentes nas músicas utilizadas nas igrejas protestantes e nos permite considerar que, os rastros deixados por Henriqueta Braga, a partir de seus escritos, enunciam as marcas que incutiu na educação musical, particularmente em âmbito eclesial.

O termo “*Magistra Dixit*”, utilizado nas reportagens de *O Jornal Batista*, publicadas em 26/04/1981, 03/05/1981 e 10/05/1981, que significa “a mestra disse”

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

sugere uma autoridade inquestionável de Henriqueta na Música Sacra brasileira, diante do legado que deixou dentro e fora das igrejas. Nos dias atuais, distintas vozes entoam nos templos protestantes os hinos organizados por Henriqueta Braga e, no dizer de Almeida (2014, p. 440), “Os evangélicos no Brasil devem a formação técnica de muitos de seus melhores músicos àquela que foi considerada a maior autoridade brasileira em música sacra.”

Pós-lúdio

[...] sua caminhada entre nós foi interrompida pela morte (que não tem som, mas ruído). (O JORNAL BATISTA, 17/07/1983).

O livro *Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuição à sua História)*, editado em 1961, embora de caráter histórico e apologético, não se afasta do pensamento e das práticas de Henriqueta, tendo na Música Sacra outra personagem que integrou as experiências e caminhos trilhados por ela em interação com diferentes sujeitos. A fluidez da música no protestantismo, igualmente se relacionou ao trânsito que Henriqueta teve nas denominações, este último, se apresenta como uma das suas marcas de atuação. O destaque conferido à Música Sacra no Brasil aponta singularmente para um dedicado trabalho, realizado em âmbito eclesial, a partir do binômio música e educação; ademais, do seu lugar de professora, Henriqueta teve legitimidade para assinalar em seus textos o caráter educativo da música para a conversão de novos fiéis e na doutrinação daqueles que já professavam a fé protestante, em articulação à história da Música Sacra no Brasil.

Os hinos utilizados nas Escolas Dominicais, a organização destes por temáticas, o controle dos corpos e das mentes pelo viés puritano do estilo sacro e das mensagens contidas nas letras e os programas radiofônicos protestantes abarcam a dimensão educativa da Música Sacra pensada por uma mulher que encontrou na escrita possibilidade de demonstrar o seu protagonismo. Para além do fato de ter

nascido em uma família abastada, da boa formação e dedicação, a tarefa de educar, por meio da música, talvez tenha exigido de Henriqueta Braga o estilo refinado e rigoroso pelo qual redigiu a sua obra, decerto para demonstrar que dominava os conhecimentos técnicos e práticos que adquiriu ao longo de sua vida familiar, religiosa e acadêmica, a fim de adquirir respeitabilidade em um meio sobremaneira masculino.

Nos rastros em seus textos, é possível perceber que, apesar de ter redigido a obra em terceira pessoa, como se fosse espectadora, “as mãos falaram por ela”, uma vez que Henriqueta Rosa Fernandes Braga fez uso de um tom de narrativa que denota um pouco da história de si própria. Apesar do reconhecimento no meio protestante, ainda há muito desconhecimento no que diz respeito à sua atuação em educação musical. Existem silêncios e vozes interditas, que aguardam a escuta daqueles que se propõem a tomar um assento para assistir e interpretar os próximos espetáculos que tenham Henriqueta como protagonista e não como espectadora, em vinculação a outros sujeitos. Diante do exposto, encerramos este texto com as mesmas palavras que o iniciamos: “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”. (PERROT, 2015, p. 16).

Referências

ALMEIDA, Ruth Salviano. *Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro – escravidão, Império, religião e papel feminino*. São Paulo: Hagnos, 2014.

AMORIM, Humberto. J. Octaviano e Oscar Guanabario: “a verdade é uma aposta de lutas”. *Revista Música, [S. l.]*, v. 20, n. 2, p. 119-172, 2020.

AMSTEL, Narayana Astra Van; QUIT'ZAU, Evelise Amgarten; MORAES & SILVA, Marcelo. “O corpo como residência do Espírito Santo”: a educação do corpo na obra de Benjamin Franklin (1732-1790). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v.21, e146, p. 1-26, 2021.09/12/2020.

ANDERS, Rodolfo. *A Escola Dominical*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1949.

AZEVEDO, Israel Belo de. *A Celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Unimep/São Paulo: Exodus, 1996.

BACH, Johann Sebastian. In: *DICTIONNAIRE de la musique*. Paris: Larousse, 2017.

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

BERTINATTI, Nicole; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Os modelos de organização das Escolas Dominicais presbiterianas no Brasil: o ideal e o possível. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: ANPUH, 2011. p.4

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. *Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuição à sua História)*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1961.

BRITO, Carlos Renato de Lima. *Aprendizagem de música no cotidiano das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte*. 2016. 125f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Música - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

BURITI, Iranilson; BARROS, Moisés Alves de. “Onde Deus nos outorga constante instrução”: a educação como tática de inserção do protestantismo no Brasil. In: VIEIRA, Cesar Romero Amaral e NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas. *Contribuições do protestantismo para a História da Educação no Brasil e em Portugal*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2016.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Convertendo através da música – a história de Salmos e Hinos*. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. *Metodismo e educação no Brasil: as tensões com o catolicismo na Primeira República*. 203f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, Juiz de Fora, 2008.

COSTA, Patricia Coelho da. *Educadores do rádio: concepção, realização e recepção de programas educacionais radiofônicos (1935-1950)*. 280f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação— Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2012.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

_____, Norbert. *O processo civilizador – uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GARCEZ, Priscila de Araujo. *A fé pelas palavras: trajetória de Judith Tranjan na educação metodista*. 204f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro, 2017.

GARCIA, Malinalli Peral; DUBÉ, Francis. Estratégias Pedagógicas para Desarrollar las Habilidades Metacognitivas del Alumno de Instrumento com el Fin de Maximizar la Eficacia
Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 3, n. 1, p. 74-102, Jan./Abr. 2021

de sus Prácticas Instrumentales. *Revista Internacional de Educación Musical*, Granada, n. 2, julho, p. 36-46 2014.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALLAM, Susan. The development of metacognition in musicians: Implication for education. *British Journal of Music Education*, Cambridge, v. 18, n. 1, p. 27-39, 2001.

HAENDEL, George Friedrich. In: *DICTIONNAIRE de la musique*. Paris: Larousse, 2017.

IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE. *Escola Dominical – Histórico (1855-1932)*. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1932.

LORENZETTI, Michelle Arype Girardi. *Formar-se e ser formador: rotas formativas musicais de religiosos no contexto católico brasileiro na perspectiva da sociologia da educação musical e da vida cotidiana*. 2019. 236f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Música - Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

LÜHNING, Angela. Colaboração de quem com quem? Diálogos entre educação musical e etnomusicologia. In: NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo; STERVINO, Adeline. *Música e colaboração: perspectivas para a educação musical*. Sobral: Sobral Gráfica e Editora, 2019. p. 85-108.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

O JORNAL BATISTA. 26/04/1981; 03/05/1981; 10/05/1981; 21/06/1983; 17/07/1983. Disponível em: <http://acervo.batistas.com/> Acesso em 12/02/2021.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história – operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____, Michelle. *Minha história das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

REZZUTTI, Paulo Marcelo. Domitila, uma biografia revisitada. In: VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; VICENTINI, Paula Perin. *(Auto) biografia, literatura e história*. Curitiba: CRV, 2014.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas*. 240f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - Universidade Metodista de São Paulo/UMESP, São Bernardo do Campo, 2008.

ROCHA, João Gomes da. *Salmos e Hinos*. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 2003.

SANTOS, Lyndon de Araújo dos. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República brasileira*. 2004. 340f. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras de Assis — Universidade Estadual Paulista/UNESP, Assis, 2004.

SANTOS, João Marcos Leitão. Religião e educação – Contribuição protestante à educação brasileira (1860-1911). *Revista Tópicos Educacionais*, Recife, v.17, nº 1-3, p. 113-151, 2007.

Polifonia da fé protestante: a Música Sacra como elemento educativo em Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961)

SANTOS, Regina Márcia Simão; REQUIÃO, Luciana. A Educação Musical no Estado do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Alda; CAJAZEIRA, Regina. *Educação Musical no Brasil*. Salvador: P&A, 2007. p. 130-144.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista de direitos humanos*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

SOUZA, Priscila Gomes de. *Templo Central da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Natal/RN: um estudo sobre música e educação musical*. 2015. 193f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música - Escola de Música - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

TRAVASSOS, Elizabeth. Redesenhando as fronteiras do gosto: estudantes de música e diversidade musical. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 119-144, out. 1999.

VICENTINI, Érica de Campos. *A produção musical evangélica no Brasil*. 280f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas— Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2007.

WEINGARTNER, Daniela. *Os sentidos das práticas musicais da comunidade da Velha Central, em Blumenau-SC*. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música - Centro de Artes - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

RECEBIDO: 01/02/2021
APROVADO: 03/04/ 2021

RECEIVED: 01/02/2021
APPROVED: 03/04/ 2021

RECIBIDO: 03/02/ 2021
APROBADO: 03/04/ 201